



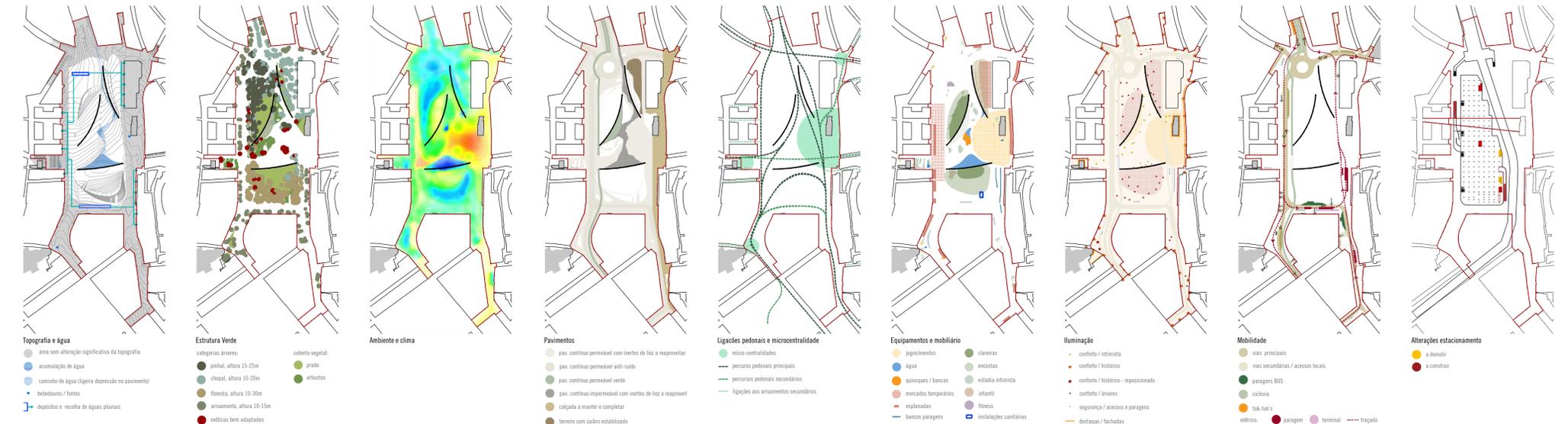
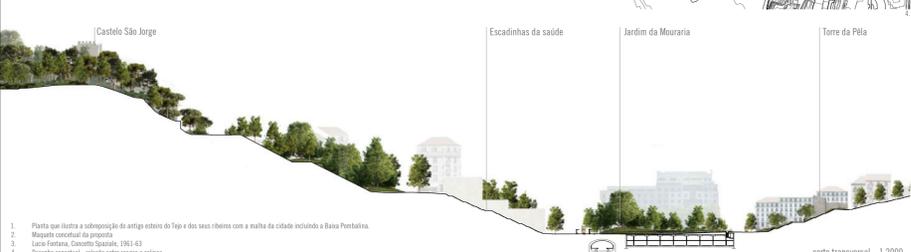
Do passado retém-se a memória de um vale entre colinas e de um curso de água que rumava ao Tejo, aos quais se seguiram camadas de terra produtiva, onde amálgamas sociais desde há muito se fizeram aqui paisagem. Do líquido ao sólido, a Praça do Martim Moniz é atração que emana da desordem, do caos, da permissibilidade. Confluências, conflitos e harmonias são quotidiano deste lugar - um palco social de riqueza ímpar, onde o desconforto de um ambiente artificial prevalece.

Mantendo este palco como património, recupera-se a origem do lugar num processo de renaturalização. Sobre esta tela vazia abrem-se rasgos para que a natureza volte a emergir e contamine a cidade. Rasgos que são nascentes, guelras que se integram no sistema respiratório da cidade. Linhas que antes eram limite, agora apontam, saírem, mas nunca confinam - uma desconstrução do limite que a praça impunha, convidando à permeabilidade e liberdade.

O jardim reflete uma composição de três rasgos que criam distintas topografias e massas vegetais - pinhal, choupal e floresta. Os dois primeiros marcam a entrada a norte. Sob o pinhal, a ponte, abre-se uma clareira virada à Mouraria e ao Castelo. A nascente, o choupal sobrepõe um terreno onde um anfiteatro fresco dinamiza a vida social e comercial. A sul, uma densa floresta urbana e uma encosta protegem uma clareira que contempla a Graça e a Senhora do Monte.

A paisagem introduz-se e o conceito de mediterrâneo fusional: vegetação mediterrânica como base maioritária fundo-se e harmoniza-se com vegetação exótica, num diálogo expressivo com as culturas sociais que aqui vivem. Estes três momentos convergem para um centro: uma praça de água. Água encaminhada pela tensão do vale que aqui desagua e é retida numa suave barragem. Forma-se um plano espelhado, cujo nível se assume dinâmico ao longo do ano. Para aqui, tudo conflui - a topografia e a água, símbolo da vida, tornam-se chão comum, união entre culturas, memória do passado e espelho do presente. Com esta centralidade espacial e simbólica, o jardim abre-se à Mouraria.

Explorando as dinâmicas deste lugar de transição, as pessoas tornam-se elemento privilegiado de uma mobilidade fluida, garantindo-se livre circulação, expressão e apropriação, num jardim que comemora a identidade natural e a riqueza humana deste lugar. O Jardim da Mouraria é uma celebração às pessoas, às gentes da Mouraria, as de cá e as de lá, as de ontem e as de amanhã, as que passam e as que permanecem.



1. Planta que ilustra a sobreposição do antigo enclave do Tejo e dos seus ribeiros com a malha da cidade incluindo a Baixa Pombalina.
 2. Mapa conceptual do projeto.
 3. Lino Ferreira, Cimento Quasebrado, 1963-67.
 4. Desenho conceptual - relação entre rasgos e colinas.